



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

MONENSINA SÓDICA ASSOCIADA AO ÓLEO DE COPAÍBA, PARA BOVINOS EM SISTEMA DE RESTRIÇÃO ALIMENTAR: POTENCIAL HIDROGENIÔNICO

Janaína Aparecida de Mello Lima¹, Maiara Aparecida Flores Balbueno¹, Rafael Henrique de Tonissi e Buschinelli de Goes², Jefferson Rodrigues Gandra³, Euclides Reuter de Oliveira³, Raquel Tenório de Oliveira¹.

UFGD/FCA – Caixa Postal 364, 79.804-970 – Dourados – MS, E-mail: vaninha_t1@hotmail.com

¹Bolsista de Iniciação Científica da UFGD.

²Orientador, Docente da Faculdade de Ciências Agrárias. rafaelgoes@ufgd.edu.br

³Docentes da Faculdade de Ciências Agrárias. jeffersongandra@ufgd.edu.br; euclidesoliveira@ufgd.edu.br

RESUMO: Objetivou-se com este trabalho avaliar a associação de monensina sódica com óleo de copaíba em suplementos para bovinos em restrição alimentar, sobre o potencial hidrogeniônico do líquido ruminal. Foram utilizados quatro novilhos, castrados, com peso corporal médio de 300 kg providos de cânula ruminal. Os tratamentos avaliados foram silagem de milho + suplemento (S), silagem de milho + suplemento acrescidos de monensina sódica (SM), silagem de milho + suplemento acrescido de óleo de copaíba (SO) e silagem de milho + suplemento acrescido de monensina sódica associada com óleo de copaíba (SMO), todos os animais recebiam 90% do consumo predito. A mensuração das variáveis avaliadas no líquido ruminal dos animais, foi realizado no 13º dia experimental, através da coleta na interface líquido/sólido do ambiente ruminal, de uma alíquota de 40 mL, imediatamente antes da suplementação e 2, 4, 6, e 8 horas após o fornecimento do suplemento, Não ocorreu efeito da adição de óleo de copaíba, nem da associação do óleo de copaíba com a monensina sódica. A adição de monensina sódica proporcionou os maiores valores de pH (6,72). Os valores de pH reduziram após a suplementação dos animais, sendo a monensina sódica apresentando maior estabilidade de pH.

Palavras chaves: fermentação, aditivo, *Copaifera sp*, ruminantes

INTRODUÇÃO

Os ionóforos têm sido muito eficientes em relação à redução das perdas energéticas e de proteínas no rúmen durante muitos anos. No entanto, a utilização de antibióticos na alimentação animal tem enfrentado uma resistência social por causa do aparecimento de resíduos e estirpes de bactérias resistentes. Desta forma, sua utilização tem sido proibida na União Européia (Ipharraguerre & Clark, 2003), que mesmo na ausência de dados científicos conclusivos, adotaram uma “postura preventiva” (Loyola & Paile, 2006).

Por esta razão, os pesquisadores têm buscado alternativas para substituição dos ionóforos na alimentação de ruminantes e dentre as possibilidades de substituição, está o uso dos óleos funcionais.

Diversas plantas tem apresentado efeitos antimicrobianos em estudos in vitro (Aguilar, et al. 2013), entre elas destaca-se a Copaíba (*Copaifera reticulata*). O óleo-resina extraído constitui de um fluido consistente, com uma coloração marrom-amarelada, odor aromático e gosto amargo característico.

O óleo-resina de copaíba é uma substância natural (Cascon & Gilbert, 2000) composta de uma parte sólida (Rigamonte Azevedo et al., 2004), resinosa não volátil (Lloyd, 1898) formada por ácidos diterpênicos (Rigamonte Azevedo et al., 2004; Veiga Junior et al., 2005; Oliveira et al., 2006) responsável por 55 a 60 % do óleo (Rigamonte Azevedo et al., 2004), composto de sesquiterpenos (Rigamonte Azevedo et al., 2004; Araújo Júnior et al., 2005; Veiga Junior et al., 2005; Oliveira, et al., 2006).

Os principais sesquiterpenos encontrados no óleo-resina da copaíba são β -cariofileno, (50-52%), que possui comprovada ação antiinflamatória, antibacteriana, antifúngica e antisséptica (Pieri et al., 2009, Veiga Junior & Pinto, 2002; Oliveira et al., 2006; Ramos, 2006), a β -bisaboleno (Maciel et al., 2002; Veiga Junior & Pinto, 2002; Oliveira et al., 2006), com propriedades descritas como antiinflamatórias e analgésicas (Oliveira et al., 2006), além do α -humuleno, α e β -selineno (Veiga Junior & Pinto, 2002; Oliveira et al., 2006), α -bisabolol, β - elemeno (Maciel et al., 2002; Veiga Junior & Pinto, 2002), γ -cadineno (Maciel et al., 2002; Veiga Junior & Pinto, 2002; Silva et al., 2006), α -cadinol (Veiga Junior & Pinto, 2002), entre muitos outros. Nas frações resina, alguns diterpenos, especialmente ácido copálico, predomina (SIMÕES et al., 2001).

Vários componentes têm provado cientificamente actividade farmacológica, entre os quais pode ser mencionado β -cariofileno, com a sua acção anti-inflamatória e protecção contra a mucosa gástrica (TAMBE et al., 1996). Segundo Pieri et al, (2010) óleo de copaíba provou ter actividade antimicrobiana eficaz contra bactérias gram positivas (*Staphylococcus aureus*, *Bacillus subtilis*) e *Escherichia coli* (Gram negativas). Mendonça e Onofre (2009), avaliando a actividade antimicrobiana do óleo-resina, sendo do tipo *Copaifera multijuga* Hayne (Leguminosae), constataram potencial de inibição do crescimento sobre *Escherichia coli*, *Staphylococcus aureus*, *Pseudomonas aeruginosa*.

As propriedades antimicrobianas demonstram que o óleo de copaíba pode ser utilizado em várias áreas, permitindo o seu uso como aditivo em dietas para ruminantes (Souza, 2013). Entretanto seu comportamento sobre o metabolismo ruminal, apresenta informações escassas, assim como o custo/benefício ainda não são bem estabelecidos. O objetivou-se com esse trabalho avaliar o efeito da inclusão de óleo de copaíba com o aditivo em dietas para bovinos em sistema de restrição alimentar.

MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi realizado no Setor de Nutrição de Ruminantes e no Laboratório de Nutrição Animal da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Foram utilizados quatro novilhos da raça Jersey, castrados, com peso corporal médio de 300 kg providos de cânula ruminal. Os animais foram mantidos em baias individuais de 2x4m, totalmente cobertas, contendo comedouro e bebedouros individuais. Os animais receberam água à vontade, sendo mantido um manejo higiênico/sanitário rigoroso das instalações. Todos os animais foram vacinados e receberam aplicação de anti-helmínticos antes do início do período experimental.

Os animais receberam diariamente em dois períodos de alimentação, silagem de milho (Tabela 1) como volumoso na quantidade de 90% do recomendado pelo NRC (2001). Todos os animais recebiam um suplemento constituído de milho (44%), farelo de soja (9,0%), ureia (11%) e núcleo mineral (40%), com teor de 38% de PB (Tabela 2), no período matutino, na quantidade de 300 g/dia (0,1% PC).

Tabela 1. Composição bromatológica da silagem de milho utilizada

| Ingredientes (% MS) | MS | PB | EE | FDN | FDA | MM |
|---------------------|----|----|----|-----|-----|----|
|---------------------|----|----|----|-----|-----|----|

| | | | | | | |
|------------------|-------|------|------|-------|-------|------|
| Silagem de milho | 28,73 | 5,96 | 2,61 | 44,64 | 24,53 | 5,41 |
|------------------|-------|------|------|-------|-------|------|

MS = Matéria seca, PB = proteína bruta, EE = extrato etéreo, FDN = fibra em detergente neutro, FDA = fibra em detergente ácido, MM = matéria mineral.

Os tratamentos avaliados foram silagem de milho + suplemento (S), silagem de milho + suplemento acrescidos de monensina sódica (SM), silagem de milho + suplemento acrescido de óleo de copaíba (SO) e silagem de milho + suplemento acrescido de monensina sódica associada com óleo de copaíba (SMO). A monensina sódica foi acrescida no suplemento na concentração de 0,9 mg/kg PV, conforme recomendação de Bretschneider, et al (2008). O óleo de copaíba foi acrescido no suplemento na concentração de 1,0 g/kg de PV, sendo adicionado na forma de spray. Para melhor utilização do óleo de copaíba, devido a alta densidade apresentada por sua, foi necessária diluição com álcool isopropílico: 0,5g de óleo de copaíba para 7 mL de álcool (Abreu, 2014). A pulverização do suplemento foi realizada diariamente no momento do fornecimento do suplemento.

Tabela 2. Composição percentual dos suplementos utilizados

| Composição percentual (%MS) | |
|--------------------------------|-------|
| Milho grão | 40,00 |
| Farelo de soja | 9,00 |
| Ureia | 11,00 |
| Mistura mineral ⁽¹⁾ | 40,00 |

A determinação do potencial hidrogeniônico (pH) no líquido ruminal dos animais, foi realizado no 13º dia experimental, através da coleta na interface líquido/sólido do ambiente ruminal, de uma alíquota de 40 mL, imediatamente antes da suplementação e 2, 4, 6, e 8 horas após o fornecimento do suplemento, por intermédio de peagâmetro digital portátil.

O experimento foi conduzido em delineamento experimental quadrado latino 4 x 4 em arranjo fatorial 2x2. Os efeitos da suplementação foram estudados por análise de variância e de regressão segundo pacote estatístico SAS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não ocorreu efeito da adição de óleo de copaíba, nem da associação do óleo de copaíba com a monensina sódica (Tabela 3). A adição de monensina sódica proporcionou os maiores valores de pH, o que pode interferir na fermentação ruminal.

Tabela 3: Valores médios de pH e seus respectivos coeficientes de variação dos tratamentos avaliados

| Item | Dieta | | | | CV | Valor de P | | |
|------|-------|------|------|---------|-------|------------|-------|-----------|
| | Supl | Mon | Cop | Mon+Cop | | Mon | Cop | Interação |
| pH | 6.58 | 6.72 | 6.53 | 6.63 | 54.56 | 0.049 | 0.313 | 0.783 |

Ocorreu efeito de tempo de coleta para todos os tratamentos avaliados (Figura 1), onde nota-se que o pH reduziu após a suplementação dos animais, sendo a monensina sódica apresentando maior estabilidade de pH nas primeiras horas após o fornecimento do suplemento.

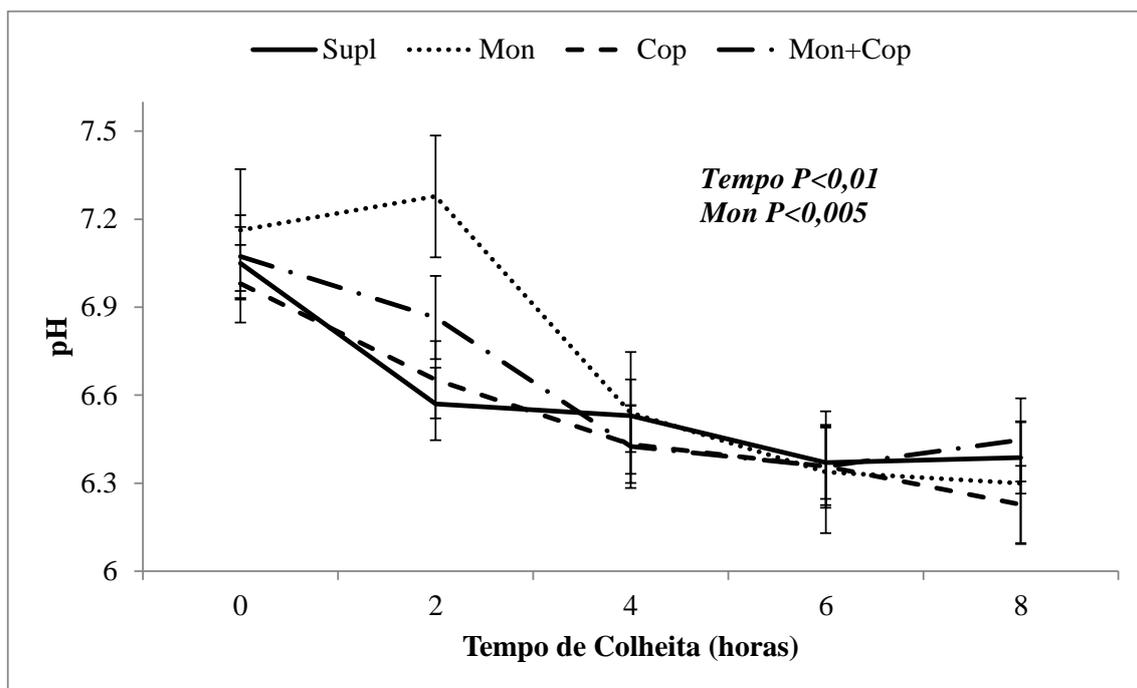


Figura 1: Valores de pH em função do tempo de coleta de animais em restrição alimentar.

Mesmo ocorrendo queda no pH no líquido ruminal, os valores encontrados são superiores ao limite de 6,2, proposto por Russel & Wilson (1996), como sendo o limite mínimo para que não ocorra redução da síntese microbiana e inibição da degradação da FDN; valores inferiores a este acarretam redução significativa do processo de degradação do alimento. O valor médio de pH encontrado reforça relatos de que dietas com predominância de forragens devem apresentar pH próximo à neutralidade.

CONCLUSÕES

A monensina sódica apresentou maior estabilidade de pH no líquido ruminal de bovinos em restrição alimentar, enquanto que o óleo de copaíba e a associação de óleo de copaíba com monensina sódica apresentou redução dos valores de pH.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e aa Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) pelo apoio financeiro a este trabalho e pelas bolsas de estudos concedidas.

REFERENCIAS

- ABREU, F.S.S. **Utilização de monensina sódica e níveis crescentes de inclusão de óleo de copaíba (*Copaifera* sp.) na dieta de cordeiros em confinamento.** Dourados, MS, 2014. 72f. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) – Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Grande Dourados.
- AGUILAR, C.A.L.; LIMA, K.R.S.; MANNO, M.C.; TAVARES, F.B.; SOUZA, V.P.; NETO, D. L. F. Effect of copaiba essential oil on broiler chickens' Performance. **Acta Scientiarum. Animal Sciences.** v. 35, n. 2, p. 145-151, 2013.
- ARAÚJO JÚNIOR, F.A. et al. Efeito do óleo de copaiba nas aminotransferases de ratos submetidos à isquemia e reperfusão hepática com e sem pré-condicionamento isquêmico. **Acta Cirúrgica Brasileira,** v.20, n.1, p.93-9, 2005.
- BRETSCHNEIDER, G; ELIZALDE, J.C.; PÉREZ, F.A The effect of feeding antibiotic growth promoters on the performance of beef cattle consuming forage-based diets: A review. **Livestock Science,** v. 114, p.135–149. 2008
- CASCON, V.; GILBERT, B. Characterization of the chemical composition of oleoresins of *Copaifera guianensis* Desf., *Copaifera duckei* Dwyer and *Copaifera multijuga* Hayne. **Phytochemistry,** v.55, n.7, p.773-8, 2000
- IPHARRAGUERRE, I.R.; CLARK, J.H. Usefulness of ionophores for lactating dairy cows: A review. **Animal Feed Science and Technology,** v.106, p.39-57, 2003.
- LLOYD, J.U. *Copaifera officinalis*. Chicago: The Western Druggist, 1898. 13p.
- LOYOLA, V.R; PAILE, B.J.A. Utilização de aditivos em rações de bovinos: Aspectos regulatórios e de segurança alimentar. **In: SIMPÓSIO SOBRE NUTRIÇÃO DE BOVINOS – MINERAIS E ADITIVOS PARA BOVINOS,** 8., 2006, FEALQ. Piracicaba. p. 213-224.
- MACIEL, M.A. et al. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova,** v.25, n.3, p.429-38, 2002.

MENDONÇA D.E.; ONOFRE S.B. Atividade antimicrobiana do óleo-resina produzido pela copaíba – *Copaifera multijuga* Hayne (leguminosae). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.19, n.2B, p.577-581, 2009.

NRC - NATIONAL RESEARCH COUNCIL. **Nutrient Requeriments of Dairy Cattle**. 7. ed. Washington, D.C.: National Academy Press, 2001. 381p.

OLIVEIRA, E.C.P. et al. Identificação da época de coleta do óleo-resina de copaíba (*Copaifera spp.*) no município de Moju-PA. **Revista Brasileira de Plantas medicinais**, v.8, n.3, p.14-23, 2006.

PIERI, F.A.; MUSSI, M.C.; FIORINI, J.E.; SCHNEEDORF, J.M. Efeitos clínicos e microbiológicos do óleo de copaíba (*Copaifera officinalis*) sobre bactérias formadoras de placa dental em cães. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v.62, n.3, p.578-585, 2010.

PIERI, F.A.; MUSSI, M.C.M.; MOREIRA, M.A.S. Óleo de copaíba (*Copaifera sp.*): histórico, extração, aplicações industriais e propriedades medicinais. **Rev. Bras. Plant. Med.**, v.11, p.465-472, 2009.

RIGAMONTE AZEVEDO, O.C. et al. **Copaíba: ecologia e produção de óleo-resina**. Rio Branco: EMBRAPA, MAPA, 2004. 28p.

RUSSEL, J.B., WILSON, D.B. Why are ruminal cellulolytic bacteria unable to digest cellulose at low pH? **Journal of Dairy Science**, v.79, p. 1503-1509, 1996.

SILVA, F.H. et al. Estudo do óleo essencial e extrato hidrometanólico de *Copaifera langsdorffii* Desf (*Caesalpinaceae*) do cerrado e mata atlântica. In: REUNIÃO NACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 29., 2006. Águas de Lindóia. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Instituto de Química da USP, 2006. Disponível em: <<http://www.sbq.org.br/29ra>>. Acesso em: 24 fev. 2007

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMAN, G.; MELLO, J. C. P.; MENTZ, L. A.; PETRVICK, P. R. **Farmacognosia – da planta ao medicamento**. Porto Alegre/Florianópolis: UFRGS/UFSC, 2001.

SOUZA, F.M. **Extratos de Plantas do Cerrado na Fermentação Ruminal In Vitro com Dietas de Alta Inclusão de Concentrado**. Goiânia, GO, 2013. 62f. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás.

TAMBE, Y.; TSUJIUCHI, H.; HONDA, G.; IKESHIRO, Y.; TANAKA, S. Gastric cytoprotection of the non-steroidal anti-inflammatory sesquiterpene, β - caryophyllene. **Planta Medica**, v. 62, n. 5, p. 469-470, 1996.

VEIGA JUNIOR, V.F. et al. Plantas medicinais: cura segura? **Química nova**, v.28, n.3, p.519-28, 2005.

VEIGA JUNIOR, V.F.; PINTO, A.C. O Gênero *Copaifera L.* **Química nova**, v.25, n.2, p.273-86, 2002.